

*Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra
Francimeire Sales de Souza
Jonas Marques da Penha
William Jônatas Vidal Coutinho*

Educação em Foco: Letramentos e Acessibilidade no Ensino



Atena
Editora

Ano 2020

*Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra
Francimeire Sales de Souza
Jonas Marques da Penha
William Jônatas Vidal Coutinho*

Educação em Foco: Letramentos e Acessibilidade no Ensino



Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Luiza Batista

Edição de Arte: Luiza Batista

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| E24 | <p>Educação em foco [recurso eletrônico] : letramentos e acessibilidade no ensino / Organizadores Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra... [et al.]. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-180-0 DOI 10.22533/at.ed.800201307</p> <p>1. Alfabetização. 2. Aprendizagem. 3. Educação. I. Guerra, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. II. Souza, Francimeire Sales de. III. Penha, Jonas Marques da. IV. Coutinho, William Jônatas Vidal. CDD 372.4</p> |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

A Educação vem passando por diversas transformações ao longo dos anos e acompanhar esse processo é algo fundamental, pois a evolução do conhecimento precisa estar em constante seguimento. Nessa conjuntura, algumas áreas passaram a ter maior destaque entre elas a tecnologia e a educação inclusiva que aliadas formam uma base necessária para o desenvolvimento educacional do país. Este livro, nos seus 10 capítulos, integra áreas do conhecimento de forma multidisciplinar, abordando temas referentes à inclusão, acessibilidade e letramentos no ensino. Traz contribuições que envolvem pesquisas na perspectiva dos estudos em Libras, Geografia, Matemática, Pedagogia e áreas afins.

O ousar de educadores em pesquisar e repensar suas práticas para a melhoria da qualidade da educação básica, superior e tecnológica se constitui em conduta exemplar, por reconhecer que práticas inclusivas dependem da ação conjunta e dialógica. Essa ação, surge de uma atitude individual motriz pela diferença. Trazemos em “Educação em Foco” a confirmação que o uso de tecnologias para a acessibilidade educacional direcionada a todos é possível para aquele que se permite repensar suas práticas e modificá-las nas interações sociais que permeiam o âmbito educacional. Destarte, os autores buscam estabelecer pontes entre o conhecimento interdisciplinar e práticas pedagógicas convidando você a uma reflexão crítica que o conduzirá a superação de obstáculos educacionais.

Os autores,

Avaeté de Lunetta e Rodrigues Guerra
Francimeire Sales de Souza
Jonas Marques da Penha
William Jônatas Vidal Coutinho

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| UMA BREVE CONSIDERAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E SUAS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS | |
| William Jônatas Vidal Coutinho | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013071 | |
| CAPÍTULO 2 | 20 |
| OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LIBRAS NO BRASIL | |
| Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra | |
| Janaína Aguiar Peixoto | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013072 | |
| CAPÍTULO 3 | 34 |
| PERCEPÇÕES DO NAPNE COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO NO IFRR/CAMPUS BOA VISTA ZONA OESTE | |
| Francimeire Sales de Souza | |
| Michele Oliveira da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013073 | |
| CAPÍTULO 4 | 44 |
| ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO SIGNWRITING | |
| William Jônatas Vidal Coutinho | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013074 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA AO ESTUDANTE SURDO NO CONTEXTO DO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL (FIC) DE PRODUÇÃO DE ROTEIRO E VÍDEO PARA CURTA METRAGEM | |
| William Jônatas Vidal Coutinho | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013075 | |
| CAPÍTULO 6 | 59 |
| CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: LETRAMENTO DIGITAL COMO POTENCIALIDADE NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO | |
| Jonas Marques da Penha | |
| Larissa Germana Martins de Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013076 | |
| CAPÍTULO 7 | 72 |
| ENSINO DE GEOGRAFIA: CATEGORIAS DE ANÁLISE E PERCEPÇÕES DO ESPAÇO DE VIVÊNCIA PELOS ALUNOS | |
| Jonas Marques da Penha | |
| Josandra Araújo Barreto de Melo | |
| Rucélia Patricia da Silva Marques | |
| DOI 10.22533/at.ed.8002013077 | |
| CAPÍTULO 8 | 87 |
| A CARTOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: UM ESTUDO ACERCA DO LETRAMENTO CARTOGRÁFICO DISCENTE | |
| Jonas Marques da Penha | |
| Alexsandra Cristina Chaves | |

DOI 10.22533/at.ed.8002013078

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 99 |
| MATEMÁTICA E SEUS PARADIGMAS: FORMAÇÃO DOCENTE E DESAFIOS FRENTE AO ENSINO MÉDIO Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra DOI 10.22533/at.ed.8002013079 | |
| CAPÍTULO 10 | 106 |
| O ENSINO DA MATEMÁTICA PARA ALUNOS SURDOS E A INFLUÊNCIA DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra DOI 10.22533/at.ed.80020130710 | |
| SOBRE OS ORGANIZADORES | 111 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 113 |

ENSINO DE GEOGRAFIA: CATEGORIAS DE ANÁLISE E PERCEPÇÕES DO ESPAÇO DE VIVÊNCIA PELOS ALUNOS

Jonas Marques da Penha
Josandra Araújo Barreto de Melo
Rucélia Patricia da Silva Marques

Conforme análise realizada por Albuquerque (2011), a Geografia, por causas diversas, tem dificuldades em difundir no âmbito escolar as categorias e teorias discutidas no espaço acadêmico, uma distância entre teoria e prática, entre geografia escolar e geografia acadêmica. No entanto, a indissociabilidade possibilitaria novos olhares sobre a dinâmica dessa importante ciência e disciplina escolar.

Assim, na formação inicial, os professores sentem-se desafiados a superar a visão do estágio supervisionado apenas como um componente curricular obrigatório, já que ele faz-se imprescindível na formação pedagógica, na aproximação com o cotidiano escolar, possibilitando articular teoria e prática no processo de formação do profissional da Geografia, a partir dos projetos de intervenção desenvolvidos no exercício das regências e pesquisas no espaço escolar. Dessa forma, os licenciandos procuram, com o apoio do(a) professor(a)-orientador(a), contribuir com novas abordagens, ressignificar metodologias tidas como tradicionais, procurando dinamizar as aulas e construir relações de ensino-aprendizagem.

Em meio a esse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar os resultados das experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado, componente da matriz curricular do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, desenvolvido na turma do 8º ano, modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, de uma escola da cidade de Campina Grande – Paraíba.

O trabalho desenvolvido na escola campo de estágio, mediante projeto de intervenção didático-pedagógica, intencionou resgatar a aplicabilidade das categorias de análises geográficas (Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar), nas aulas de Geografia, haja vista que tais categorias constituem as grandes pilastras da Geografia enquanto ciência e disciplina escolar, o que vem sendo negligenciado na escola, conforme foi possível verificar mediante a observação inicial nas aulas desse componente curricular.

Para tanto, observou-se o espaço escolar, a fim de conhecer melhor sua dinâmica em múltiplas dimensões, a metodologia da professora regente e o perfil da turma, objeto de observação, e intervenção no estágio supervisionado. A partir disso, foi elaborado um projeto no qual se propõe analisar a importância do resgate das categorias de análise geográficas, possibilitando a articulação entre as diferentes

escalas geográficas, sempre tendo como âncoras as categorias de análise geográficas, especialmente o lugar, no Ensino Fundamental, modalidade EJA, para assegurar o estudo da espacialidade, fundamental para a formação do indivíduo e afirmação da Geografia na escola.

O trabalho foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa colaborativa descritiva e de abordagem qualitativa. O aporte teórico abordou temas e teóricos na esperança de dar suporte aos procedimentos metodológicos e pedagógicos adotados, além de conceitos fundamentais, tais como espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar. Destarte, destacamos Callai (2001); Andrade (2004); Cavalcanti (1998; 2005; 2010); Santos (1988); Almeida, (1991); Pontuschka *et al* (2009); Saiki; Godoi (2010); Ticks (2008) e; outros.

Iniciamos a dissertação desse artigo discutindo a importância do uso das categorias de análises geográficas na EJA, dando ênfase à categoria geográfica lugar. Já as demais categorias são discutidas concomitantemente no andamento da pesquisa, seus resultados e discussões. Com isso, trazemos o processo de desenvolvimento da pesquisa culminado com a intervenção didático-pedagógica. Por fim, tecemos nossas considerações acerca do trabalho e suas contribuições e perspectivas futuras. O trabalho nos permitiu perceber a evolução na qualidade do aprendizado dos estudantes, quando sua dinâmica cotidiana, seu lugar, é ponto de partida para estudos mais elaborados dos conceitos.

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE GEOGRÁFICAS NO ENSINO FUNDAMENTAL, MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

A constituição de 1988 amplia o dever do Estado de garantir educação a todos os cidadãos brasileiros, independente da faixa etária, emergindo, com isso, iniciativas voltadas à redução do índice de analfabetismo no País. Considerando que, mesmo lento, tem aumentado a expectativa de vida no Brasil, e o Governo tem investido na Educação de Jovens e Adultos – EJA, seja para cumprir exigências internacionais, seja para melhorar a qualidade de vida da população. À luz de Soares (2001, p. 205):

Em lugar de reduzir o processo educativo à mera preparação para o mundo do trabalho, podemos avançar em direção a uma concepção mais ampla, que considere as demais dimensões da educação: a emergência e o fortalecimento do sujeito situa-se como o objetivo prioritário da prática educativa.

Nesse contexto, o ensino de Geografia pode contribuir tanto com o processo de alienação dos indivíduos, mediante práticas desconectadas com a realidade dos alunos, quanto desempenhando um papel revolucionário, a partir do repensar contínuo do espaço vivido, o que vem a calhar com o despertar do aluno para a criticidade acerca dos objetos e ações do espaço geográfico. Nesse sentido, “o conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social, à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas

sociais” (CAVALCANTI, 1998, p. 11). Com isso, a geografia escolar pode e deve ser voltada para contribuir na formação de sujeitos capazes de desenvolver o pensamento crítico e autônomo sobre seus lugares. Na ótica de Diniz; Compiani (2017, p. 68);

Como sugestão às dificuldades encontradas no ensino de geografia, vemos a construção de conhecimento escolar baseada na contextualização como uma delas. Isto é, privilegiando os estudos locais, como por exemplo, os problemas encontrados na sala de aula, no entorno da escola, no bairro, na cidade.

Assim, vemos, como possibilidades, propostas de mediações pedagógicas no ensino de geografia que sejam ancoradas na contextualização dos conteúdos sistematizados com os da vivência do alunado, com lugar. Desse modo, a relação professor-aluno deve ser harmônica e fundamental, no processo de construção de conhecimentos, tornando a Geografia mais interessante, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos em consonância com conteúdo mais próximos da realidade deles, da dinâmica cotidiana dos envolvidos, elevando-os às escalas mais abrangentes dos fenômenos.

[...] um trabalho pedagógico que vise à ampliação das capacidades dos alunos do ensino fundamental de observar, conhecer, explicar, comparar e representar as características do lugar em que vivem e de diferentes paisagens e espaços geográficos (BRASIL, 1998, p. 15).

Esses aspectos podem ser relacionados a uma Geografia a serviço do ser humano, preocupada não apenas com o material, mas com ênfase na experiência vivida pelos sujeitos nos espaços buscando compreender a totalidade a partir das relações dos espaços que estão próximos, do que está ao alcance dos olhos, das paisagens. Nessa perspectiva, será que os professores que atuam com a Geografia Escolar têm assumido posturas de profissionais mediadores na construção do conhecimento geográfico? Esses, têm utilizado as teorias, categorias, conceitos geográficos no intuito de contribuir com a formação de indivíduos para a vida? Segundo Lana de Souza Cavalcanti:

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para formação do ser humano, este, por sua vez, com sua interação, com seus gestos, com seu trabalho, com suas atividades, transforma constantemente o espaço (CAVALCANTI, 1998, p.24).

As categorias de análise geográficas constituem os pilares de sustentação da Geografia enquanto ciência, elas representam os diversos olhares sobre o espaço, pois a dimensão social se constitui no cerne das dinâmicas dos territórios, das regiões, das paisagens, dos lugares etc. “O mundo encontra-se organizado em subespaços, articulados dentro de uma lógica global” (SANTOS, 1988, p.17). As discussões conceituais acerca das categorias de análise geográficas agregadas aos conteúdos e às percepções do cotidiano dos alunos repercutem positivamente, tanto na formação dos indivíduos, tornando-os conhecedores de si e da dinâmica espacial, quanto no fortalecimento científico da Geografia, na escola.

Destarte, é importante ressaltar que, quanto mais cedo apresentar as categorias geográficas aos indivíduos, mais suas relações com essas serão ativas e conscientes. Para

Cavalcanti (2005, p. 187), “[...] o pensamento, o desenvolvimento mental, a capacidade de conhecer o mundo e de nele atuar é uma construção social que depende das relações que o homem estabelece com o meio”. Assim, é perfeitamente possível trabalhar a partir dessa perspectiva, das percepções do espaço vivido, junto a um público de jovens e adultos, usando suas experiências como ponto de partida para construção do conhecimento. Para Callai (2001, p. 136);

O professor deverá propor o estudo que seja conseqüente para os alunos. E as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para aprendizagem.

Tais experiências socioespaciais, muitas vezes empíricas, podem e devem ser valorizadas na sala de aula, intermediadas pelo professor(a), através das discussões acerca desses conhecimentos, construindo um elo entre as percepções cotidianas e o conhecimento científico sistematizado do currículo escolar, contribuindo para a formação desses indivíduos, fazendo a ciência desempenhar o seu papel social. Segundo Almeida (1991, p. 89), “os professores precisam perceber que seu papel no processo de democratização de nossa sociedade consiste em, principalmente, desenvolver uma prática pedagógica não alienante, mas conscientizadora”.

O professor(a) de Geografia deve se empenhar no ensino de uma Geografia questionadora e esclarecedora, capaz de libertar o indivíduo para a vida e galgar no sentido da democratização da sociedade. Para Cavalcanti (2010, p. 141), “devem-se levar em conta o lugar e a realidade cotidiana do aluno, com o pressuposto de que torna mais significativo e o aluno mais interessado pelas atividades escolares”. A formação para a vida requer posicionamento crítico sobre os fenômenos, especialmente os que ocorrem na dinâmica cotidiana.

A EXPERIÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR: INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA

O estágio supervisionado, observações e intervenções didático-pedagógica ocorreram na turma do 8º ano “B”, modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, da escola Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), da rede estadual de ensino da cidade de Campina Grande-PB, localizada no bairro Catolé, zona sul.

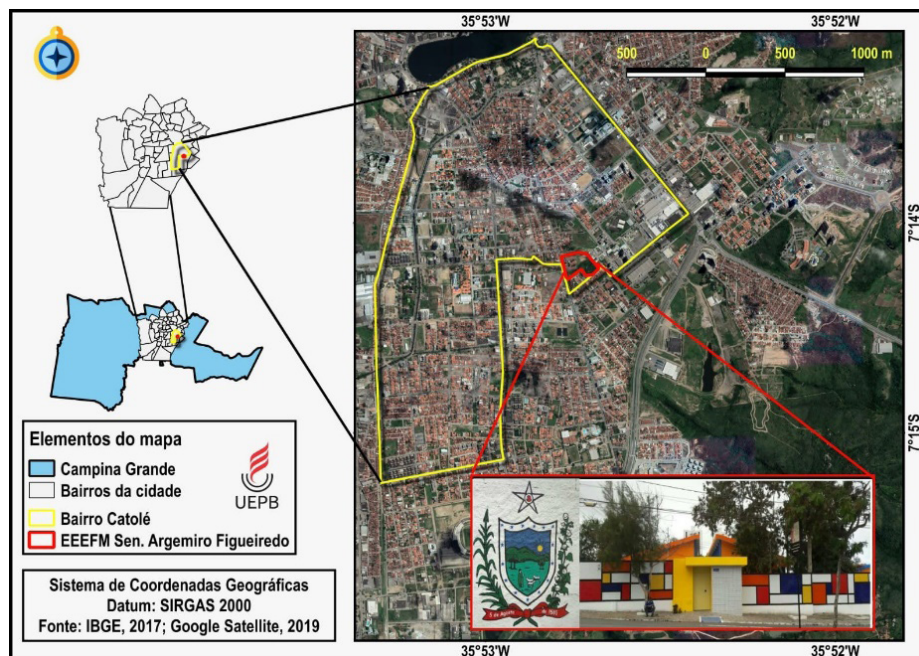


Figura 1 - Localização da Escola Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente).

Fonte: Elaboração de Janaina da Silva Santos (2019).

Adentrando ao espaço escolar e presenciando as aulas ministradas pela professora regente, foi possível identificar pontos importantes que são passíveis de serem investidos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente de forma colaborativa. No componente curricular Estágio Supervisionado, a interação predominou entre estagiário, professora supervisora de estágio, professora regente e a turma do 8º ano “B”, EJA. Assim, foi possível elaborar uma estratégia de intervenção, de forma a assegurar o envolvimento da turma objeto de estudo-intervenção.

O caráter colaborativo dessa pesquisa justifica-se à medida que, desde o processo de observação *in loco*, em sala de aula, até a intervenção na turma, houve o envolvimento direto e intencional dos colaboradores, tanto nos planejamentos e logística, quanto nas orientações teórico-metodológicas e didáticas. Numa pesquisa colaborativa, requer cuidado na coleta de dados, na análise, nas considerações das dúvidas metódicas; esse trabalho metodológico-reflexivo é que vai referendar novas ações (FRANCO, 2009).

A docência, em Geografia, requer um exercício diário de observação e de leituras do presente imediato, da dinâmica, frutos das múltiplas relações entre pessoas de diferentes contextos, mas que convergem no espaço escolar, na sala de aula, em torno de objetivos semelhantes - a busca pelo conhecimento. Nesse contexto, segundo Ticks (2008, p. 2); “a pesquisa colaborativa procura não apenas descrever e explicar as ações vivenciadas pelos participantes no contexto de sala de aula, mas também, interferir em sua prática pedagógica, possibilitando sua reconfiguração de modo reflexivo e colaborativo”. Ressaltamos, fundamentados em Pontuschka *et al* (2009), a importância da pesquisa enquanto atitude cotidiana na construção de conhecimentos significativos, de interpretação

da realidade, de autonomia discente.

A carga horária de atuação do estagiário, na escola, é insuficiente para fazer uma leitura condizente com a realidade desse espaço. Existem diversas etapas e relações que acabam por não serem vivenciadas durante o estágio, devido ao curto período de contato direto. “Num Curso de Licenciatura seria desejável uma maior valorização da disciplina Prática de Ensino, não se limitando a alguns meses de estágio em sala de aula” (SAIKI; GODOI, 2010, p. 29). Muitas vezes, não há tempo suficiente sequer para traçar o perfil da turma objeto da intervenção e nem tempo para fechar o ciclo sistêmico de ensino, que se inicia com o planejamento, introdução e discussão dos conteúdos, culminando com a avaliação, reforço e recuperação para, assim, conduzir, mediante o crescimento intelectual do aluno, à série seguinte.

Como alhures mencionado, é sabido que o tempo de estágio não é o ideal, e isso acontece por motivos diversos, deve-se explorar o máximo da estadia no espaço escolar, envolver-se, entregar-se e estar aberto para melhor absorver as avalanches de informações e choques culturais existentes. “Conhecer a organização do espaço escolar e as relações entre os sujeitos é uma necessidade, na medida em que a aula não é um acontecimento isolado de uma sala, mas está inserida no espaço social de uma instituição de ensino” (SATO; FORNEL, 2010, p. 53). Portanto, trata-se de um laboratório de análise contínuo cujos resultados, mesmo repetindo minuciosamente os mesmos métodos e didática, sempre serão diferentes.

INTERVENÇÕES: ELO ENTRE CATEGORIAS GEOGRÁFICAS, CONTEÚDOS E EXPERIÊNCIAS DOS ALUNOS

Conscientes de que se tratava de um estágio de período de observação e regência relativamente curto foi proposto e desenvolvido um projeto de intervenção pautado na realidade da turma e no tempo de vigência do componente curricular sempre preocupados em não comprometer a sequência dos conteúdos planejados pela professora regente. Dessa forma, a regência ocorreu levando-se em conta as propostas elencadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia, mais especificamente do 1º e 2º eixos temáticos do Quarto Ciclo, na perspectiva de abordar as discussões conceituais das categorias geográficas, em conjunto com a gama de conhecimentos trazidos pelos alunos, a partir do contato com o espaço e a troca de experiências vivenciadas.

O trabalho desenvolvido na turma da EJA, 8º ano do ensino fundamental, teve como efetivo período de intervenção direta, pós-observações e planejamentos, o período de quatro encontros de 2 horas/aulas cada. Iniciou-se com a abordagem da categoria *lugar* representada pelo espaço vivido, que é a categoria mais próxima do indivíduo, de onde

emergem o mundo dos significados, dos conhecimentos cognitivos.

Nas discussões acerca do *lugar*, a partir da concepção dos alunos e do conceito científico, eles se sentiram à vontade para se expressarem. Descreveram cada detalhe de seus lugares. Empiricamente, tal subespaço já está imbuído no íntimo dos indivíduos, no entanto banalizado, sem muita atenção. “O lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano do imediato. E é o que pode ser apropriado pelo corpo [...]” (CARLOS, 2007, p. 19). Constatamos, nos textos dissertados dos estudantes, que eles(as) têm seus próprios conceitos definidos e percebidos na vida social. Em atividade mediada em sala de aula, quando os alunos foram questionados sobre seus lugares obtivemos as seguintes respostas. Destacadas a imagem a seguir:

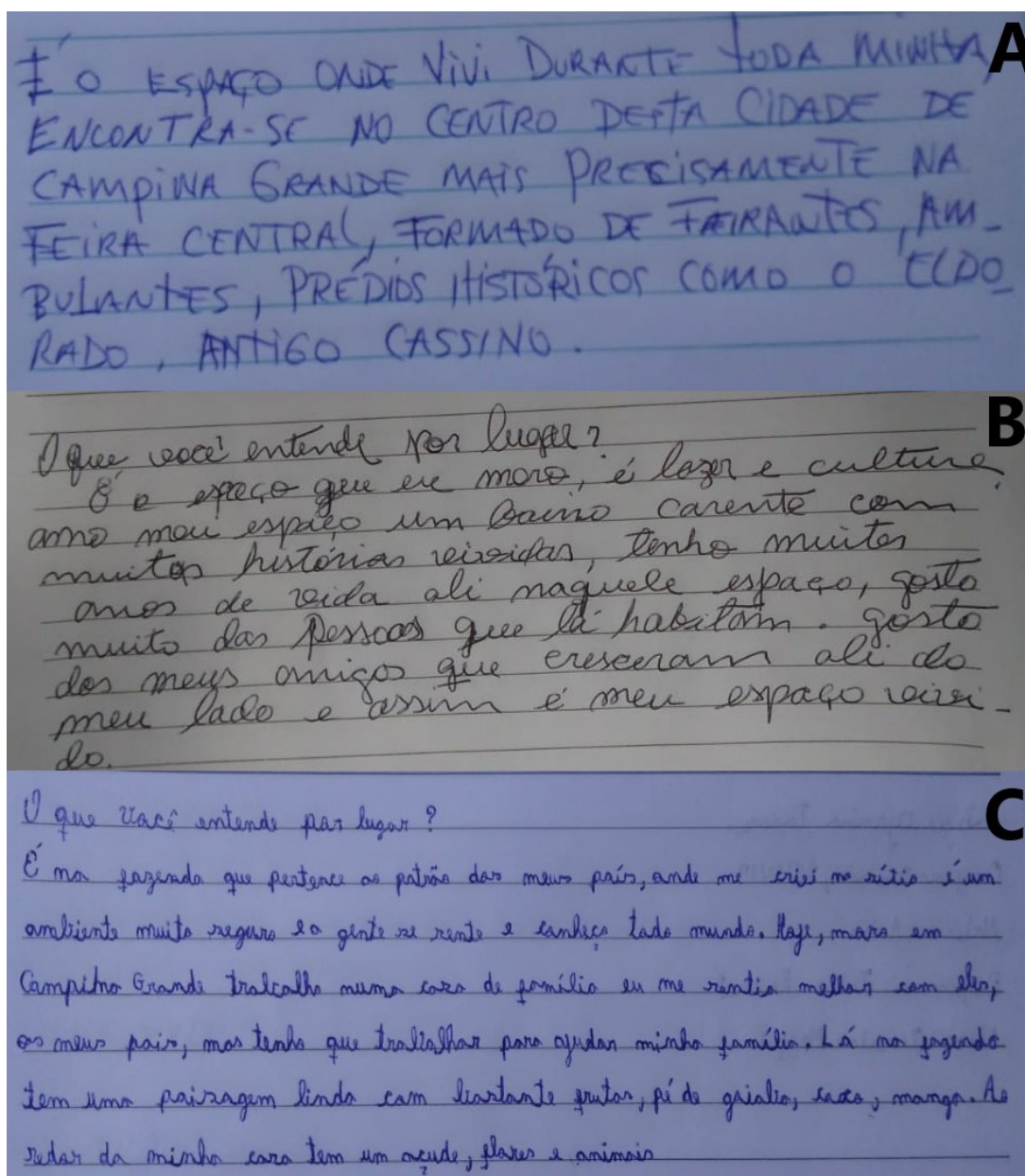


Figura 2 - Respostas, respectivamente, dos alunos “A”, “B” e “C” quanto ao lugar.

Fonte: Acervo pessoal dos autores (2018).

Percebe-se, nos discursos dos estudantes, que eles se reconhecem nas paisagens, nos elementos que compõe e dão sentido ao espaço de interação direta no cotidiana. Assim, entender o lugar é entender a si próprio, visto que espaço e ser humano formam uma unidade. “[...] os lugares são partes do todo, é onde se dão as histórias de todas as ações e onde se estabelecem nossas relações, ligações e sentido de pertencimento” (DINIZ; COMPIANI, 2017, p. 68). Pôde-se facilmente constatar relações socioespaciais de identificação do aluno com as paisagens por eles citadas, com a descrição dos seus lugares.

Desta forma, a configuração de espaço enquanto lugar está ligado diretamente às relações de intimidade entre ser humano e paisagem, a sensação de pertencimento. “O lugar [é] o ponto de práticas sociais específicas que nos moldam e nos formam e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (HALL, 2006, p. 72), conforme ficou explícito nas produções textuais dos alunos. Essa identificação do indivíduo com o espaço vivido propõe o desenvolvimento da cultura local, visto que em cada lugar as expressões culturais são reflexos das relações socioespaciais existentes.

A relação para com esse espaço de acontecimentos e de construção de conhecimentos empiristas resulta na propagação e valorização das raízes culturais dos indivíduos. Desse modo, inseriram-se nas discussões, durante as intervenções, conteúdos acerca da cultura e diversidade cultural brasileira e das territorialidades.

Isso posto, orientamos a regência tendo em vista a valorização das relações socioespaciais vividas e percebidas pelos alunos, facilitando a compreensão das categorias geográficas e proporcionando condições de ampliar seus conceitos preestabelecidos. Por exemplo, para conceituar a categoria território partiu-se das indagações feitas aos alunos sobre a compreensão que eles tinham do conceito.

No decorrer da aula, em meio às discussões, o aluno “D” fez referência ao “território do tráfico de drogas”. Outros indagaram foram feitas acerca do território nacional, quando nos apresentaram como sendo sinônimo de *Brasil*, de *Países*. Nesse momento, de forma a avançar para o conceito sistematizado pela ciência geográfica, intensificamos as discussões, inserindo provocações a respeito de determinadas influências, relações de poder, exercidas por um indivíduo ou um grupo sobre determinado espaço. Nesse sentido, os estudantes elencaram diversos exemplos, como espaços residências (casa) e até mesmo compartimentos de seus lares, como quartos, sala, cozinha que, segundo eles, cada membro da família exercer maior ou menor influência, poder, sobre esses espaços.

Assim, paulatinamente, os estudantes foram ampliando os olhares para as escalas mais abrangentes, fundamentando-se no conceito de território discutido em sala. Para Andrade (2004, p. 19), “o conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de determinada área”. Dessa forma, retomou-se às ideias iniciais a respeito de território nacional, de espaço submetido a uma gestão e influências, e até mesmo do poder que traficantes exercem

sobre determinados espaços.

Ainda sobre território, as discussões transitaram pelo tema movimentos migratórios. Utilizamos como exemplos as experiências de alunos que migraram de outras cidades para Campina Grande, elencando as causas e motivos das migrações, contextualizando com o histórico das migrações no mundo, Brasil e Paraíba, abordando as questões de territorialidades, identidade territorial, premissas para definir o espaço enquanto território.

Diante disso, os estudantes puderam considerar que, à medida que as pessoas chegam a um *lugar* estranho, não se sentem parte desse espaço, passando a se sentirem integrantes a partir das novas relações criadas e cristalizadas em suas identidades. “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização sobre elas” (ANDRADE, 2004, p. 20). As dificuldades de adaptação ao novo espaço induzem à criação de colônias, réplicas da terra natal, a exemplo das colônias japonesas, portuguesas, alemãs e outras espalhadas pelo Brasil, assim como bairros habitados por nordestinos, comuns na região Sudeste, como sinal de resistência.

Como é perceptível, ao longo das ações pedagógicas, o *lugar* foi trabalhado inclusive na compreensão das demais categorias de análises geográficas. “Ao estudar o local, permitimos aos alunos não só constatar, mas inclusive olhar de forma mais complexa a sua organização e valorizá-lo por ser um meio próximo no qual o aluno está inserido, sendo palpável e conhecido” (DINIZ; COMPIANI, 2017, p. 69). Assim, foi trabalhado em sala de aula (áudio e texto) a música “O último Pau de Arara” interpretada por Raimundo Fagner, letra de Venâncio/Corumbá/J. Guimarães, na perspectiva do *lugar*, das *identidades territoriais* como forma de resistência a desterritorialização causada pelas migrações, exemplificando com o apego do nordestino pelo sertão, identidade territorial bem representada na letra da música.

Ademais, as discussões propiciaram uma introdução ao trabalho com a categoria *região*, cujo conceito foi trabalhado com o auxílio de mapas políticos do Brasil, Paraíba e de Campina Grande, por meio de análise das suas peculiaridades, localizando suas especializações, seja nos âmbitos natural, cultural ou econômico, na perspectiva de diferenciação de áreas.

Segundo Corrêa (1987, p. 45); “[...] a região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas”. Diante disso, exploramos o exemplo de um aluno que morou na cidade de Sapé – Paraíba. Segundo aluno D; “[...] a minha cidade é conhecida como região do abacaxi”. Nesta cidade, é comum a produção do abacaxizeiro, portanto Sapé diferencia-se de outras cidades a partir desta cultivar, conhecida por estar inserida na região produtora de abacaxi (*Ananas comosus* L. Merrill). Assim como esse exemplo, outros surgiram na sala de aula que enriqueceram as discussões, como as especificidades de algumas áreas e bairros das

idades. Corroborando com Santos (1988, p. 17):

Num estudo regional se deve tentar detalhar sua composição enquanto organização social, política, econômica e cultural, abordando-lhe os fatos concretos, para reconhecer como a área se insere na ordem econômica internacional, levando em conta o preexistente e o novo, para captar o elenco de causas e conseqüências do fenômeno.

Contextualizando o conceito de *região* às citações voluntárias dos alunos, foi possível introduzir o tema “Cultura e diversidade cultural no Brasil”. Discutimos a diversidade cultural na visão de regionalização dos espaços, a partir das expressões culturais e identidades territoriais de seus habitantes. Tomado como exemplo as peculiaridades culturais hábitos e costumes, diferenciadas nas distintas regiões brasileiras.

As peculiaridades regionais, como por exemplo, a língua, a cultura, o clima e outras propiciaram entrar na discussão sobre as diferentes *paisagens*. A princípio, tal categoria foi descrita pelos alunos como “*imagens de lugares bonitos*”; “*um lugar bonito*”; “*uma foto*”; “*um quadro pintado*”. Partindo desses exemplos, buscou-se trabalhar na perspectiva da desconstrução da ideia de paisagem como algo estático, sem movimento. Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21). Desse ponto de vista, a paisagem representa a sucessão de acontecimentos pretéritos, que resulta na realidade atual. Podendo ser de caráter humano, a construção de uma cidade, desmatamentos e outros, ou naturais, como terremotos, furacões, intemperismos etc.

Desta forma, com o intuito de aproximar o objeto de estudo à dinâmica do aluno, utilizamos a própria estrutura física e antropogênica da sala de aula como exemplo para contribuir para a conceituação da *paisagem*. Solicitamos três alunos para vir até a frente da turma e descrever a paisagem visualizada. Cada um fez uma leitura diferente, um observou a desorganização das carteiras; o segundo questionou o pequeno número de alunos em relação ao tamanho da sala; o terceiro, mesmo não levando muito a sério, observou em sua leitura que meninas se sentam à frente e os “bagunceiros” atrás.

Na sequência, abrimos uma roda de discussão acerca do apresentado e chegamos à conclusão que a leitura de uma paisagem depende do olhar do observador, do quanto àquela imagem representa para ele, do quanto se sabe sobre ela, do quanto se importa com o que se está vendo. Assim, discutimos a categoria paisagem como representação dos objetos circundantes, resultado de sucessivas alterações, imbuídos de sentimentos e significados. A parte física do espaço ganha vida, refletindo as ações dos indivíduos sobre este.

Isso posto, elencamos alguns questionamentos que podem nortear as leituras e análises das *paisagens*, tais como; O que aconteceu para que essa paisagem chegasse a esse estado? Quais as funções e serviços oferecidos? Quem ocupa esse espaço? O que pode ser feito para melhorar? De quem é a culpa ou o mérito por esse resultado? E outras.

Por fim, no último encontro, as discussões foram acerca da categoria *espaço geográfico*, por ser a mais complexa e abranger as demais de análises da Geografia, melhor, o objeto de estudo dessa ciência. Dando sequência, foi questionado junto aos alunos o que eles entendiam por espaço. As diversas respostas foram elencadas em colunas na lousa. Obtivemos as seguintes respostas: “**é tudo!**”; “*a sala é um espaço*”; “*um lugar vazio*”; “*qualquer canto*”; e outras.

Diante dos significados citados pelos alunos, ampliamos o debate direcionando as discussões para “*espaço geográfico*”, conceituando-o segundo Santos (1988, p. 10): “O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. Diante dessa ideia, podemos afirmar que ser humano é o agente produtor do espaço, e é na escola, a partir do contato com o conhecimento sistematizado, que o indivíduo toma consciência do quanto é produtor e produto desse espaço, que está inserido na sua dinâmica de construção e reconstrução. Destarte, discutimos sobre o espaço, utilizando a sala de aula como exemplo de espaço geográfico e procurando provocar a turma quanto as suas análises subjetivas, seus objetos e as ações imbuídas.

As principais discussões desse encontro giraram em torno das funções e intenções existentes, de agentes internos e externos a esse espaço, de forma a concluirmos que a relação do ser humano com o espaço resulta no espaço geográfico. Nessa linha de pensamento, trabalhamos de forma ampla conteúdos acerca da diversidade cultural da Paraíba, do Brasil e do mundo, dos movimentos migratórios.

A maximização gradativa na escala de compreensão do espaço, Sala de aula/Campina Grande/Paraíba/Brasil/Planeta, proporcionou ao aluno se enxergar no contexto espacial local e global. Elencaram uma série de ações, hábitos e costumes, relações socioespaciais, quase que comuns globalmente como o consumo de vestuários, *jeans*; alimentos, *pizza*, modalidades esportivas, futebol, etc.; e outros mais restritos a determinadas regiões como foi citado, a exemplo de música, de forró; comidas típicas, pamonha, milho assando; e formas de comunicações linguísticas, a exemplo da Região Nordeste e da Paraíba.

Como vimos, no decorrer das intervenções, em aula, foram desenvolvidas atividades (escritas ou discursivas) como produções textuais, interpretações de músicas e expressões orais, voluntárias e/ou sob provocações. Ambas utilizadas como parâmetros para avaliação do avanço intelectual dos alunos, atribuição de notas, como da eficácia das metodologias de ensino utilizadas e para a elaboração dos planos de aulas subsequentes.

Como coincidiu com o período de provas da instituição, elaboramos tal documento avaliativo corroborando com a linha de pensamento de Vasconcellos (2003), de forma a minimizar as tensões que esse momento provoca, esclarecendo os conteúdos e pesos atribuídos às questões. Primamos por questões discursivas e de correlação de coluna com pretensão de provocar o raciocínio crítico sobre os temas abordados. Como exemplo, elaboramos uma questão que fazia referência às categorias de análise geográficas, e ela propunha que os alunos correlacionassem as colunas. Logo abaixo destacamos, na imagem 2, o fragmento poético que representou o lugar em uma das questões da atividade.

*Não me esqueço dos
Meus amigos
Nem dos forrós que dancei
Não me esqueço
A minha mata
Aquele que lá deixei
A mata me dá saudade
Brevemente voltarei
Pra rever minha cidade
Onde eu nasci e me criei.*

Figura 3 - O fragmento poético da música “Alô Palmeira dos Índios”.
Fonte: Composição de Durval Vieira e Joci Batista/Interprete: Jackson do Pandeiro.

Na coluna I, estavam os fragmentos poéticos enumerados de 1-4; e na coluna II, elencadas as categorias: território, região, paisagem e lugar. As respostas dos alunos representaram um avanço quanto à aproximação destes aos conceitos das categorias de análise geográficas. Dos 12 (doze) alunos que fizeram a prova, apenas dois interpretaram os poemas, confundindo o conceito de lugar com o de região, os demais obtiveram 100% de acerto nessa questão.

Essa relação entre os conceitos científicos, categorias de análise geográficas e os conteúdos programáticos com os acontecimentos comuns ao convívio dos alunos facilitaram a compreensão e a construção de conceitos geográficos, resultando numa elevação do nível intelectual da turma.

CONSIDERAÇÕES

Os Estágios Supervisionados são componentes curriculares muito importantes para os cursos de licenciaturas, visto que se constituem em um momento de aproximação com o espaço escolar, bem como uma boa oportunidade de explorar este espaço com o olhar da pesquisa, de teorizar a prática, observar o campo de atuação, fazer leituras para possíveis intervenções em prol da construção do conhecimento. Mesmo se tratando de um curto período, na escola, o estágio pode ser muito bem aproveitado, desde que haja empenho e compromisso dos envolvidos nesse processo. Este deve ser encarado como laboratório. Se não existe fórmula pronta para dar uma boa aula, existem aulas para se propor novas fórmulas.

Observamos que houve mudanças no discurso teórico-acadêmico e no currículo escolar, mas os métodos didático-pedagógicos aplicados não mudaram muito, mostrando existir a reprodução de um modelo tradicional de ensino. No entanto, assim como nesse trabalho, enquanto profissionais da educação, especialmente da geografia, temos que buscar a ressignificação das práticas arcaicas, numa perspectiva de mudanças gradativas de postura profissional, empatia com o outro.

Entendemos que com a Geografia moderna houve um grande passo rumo a uma melhor qualidade no ensino de geografia. No entanto, ainda são muitos os problemas que surgem como entraves, como por exemplo, a qualidade da formação inicial e continuada dos docentes, a desvalorização dos profissionais da educação e o descaso com as estruturas físicas e de pessoal das instituições. Mesmo nessa conjuntura uma coisa que pode possibilitar uma resistência ao sistema é o interesse dos profissionais, a intenção e vontade de transformação social em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim sendo, é preciso que não confundamos professores com “salvadores da pátria” evidente que devemos ter potencial para surpreender, o que não nos coloca no patamar de super-heróis, de onipotentes. O que se propõe são mudanças no comportamento profissional, que se desprenda da vaidade do saber tudo; das aulas de outrem; que o livro didático não se transforme num método de aulas monótonas ao invés de um recurso, mesmo que seja o único disponível.

Na prática, verificamos que é possível desenvolver, mesmo sem recursos sofisticados, um elo entre os conteúdos propostos, os conceitos das categorias de análise geográficas e os conceitos pré-definidos empiricamente pelos alunos, elevando o seu nível do conhecimento, saindo da mera percepção do cotidiano a um mais bem elaborado e sistematizado conhecimento científico.

As teorias de ensino de Geografia, por sua vez, vêm ganhando espaço nas publicações e discussões acadêmicas e o dever dos (as) professor (as), por estarem mais próximos dos alunos, é acreditar nas possibilidades de mudanças, investir num ensino capaz de ser uma ferramenta libertadora e formadora de indivíduos que se reconheçam como parte integrante do todo, que tenham o senso crítico aguçado, cidadãos conscientes de suas responsabilidades, cumprindo seus deveres e reivindicando seus direitos, pré-requisitos básicos para o exercício da cidadania.

Quanto à inserção conceitual das categorias geográficas, não se pode afirmar que essa intervenção, resumida nesse artigo, tenha sido suficiente para que os alunos detenham o domínio integral sobre tais conceitos, mas, certamente, não serão conceitos vistos como temáticas estranhas, o que facilitará o entendimento nas futuras aulas. Entendemos que houve um significativo crescimento intelectual por parte da turma acerca dos conceitos trabalhados, categorias de análises geográficas, passaram a associar suas percepções, adquiridas cotidianamente no espaço de vivência, com os conceitos geográficos apresentados, compreendendo, assim, suas participações na construção e

reconstrução espacial.

A significância e proximidade dos conteúdos discutidos em sala de aula com a dinâmica diária dos alunos foram os grandes elos para as relações professores (estagiário) e alunado rumo à construção do conhecimento. Podemos afirmar que é muito importante compreendermos a sala de aula como um espaço de pesquisa, de debate, de ensino e de aprendizagem, onde todos possam, espontaneamente, expressar-se sem terem seus comentários e posicionamentos ignorados.

Destarte, a relação entre os conceitos científicos sistematizados com os empíricos, fruto da experiência com o espaço vivido do alunado, facilita a construção e compreensão dos conceitos geográficos, resultando na construção de um novo e melhor elaborado conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria A. M. de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (orgs.) **Geografia: práticas para o ensino médio**: volume 2. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13 – 32.

ALMEIDA, Rosângela D. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de geografia. **Revista Terra Livre**, São Paulo: AGB, n. 8, p. 83-90. 1991. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/92>. Acesso em: 23 jan. 2019.

ANDRADE, Manuel C. de. A Questão do Território. In: _____. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004. p. 13-19.

BRASIL, **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998. 156 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CALLAI, Helena C. A Geografia e a escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**. São Paulo, n.16, p. 134-151. 2001. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/353>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CARLOS, Ana F. A. Definir o Lugar? In: _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur, 2007. p.16-20.

CAVALCANTI, Lana de S. Cotidiano, Mediação Pedagógica e Formação de Conceitos: uma Contribuição de Vygotsky ao Ensino De Geografia. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a04v2566.pdf>. Acesso em: 17 jan. de 2019.

CAVALCANTI, Lana de S. **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 2010. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

CAVALCANTI, Lana. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 17 ed. Campinas-SP: Papyrus, 1998.

CORRÊA, Roberto L. Região: um conceito complexo. In: _____. **Região e organização espacial**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 22-50.

DINIZ, Vanessa L.; COMPIANI, Maurício. O ensino de geografia e suas relações com a pedagogia crítica do lugar:

contribuições para uma prática interdisciplinar. **Rev. Geografia, Ensino & Pesquisa**, UFSM, v. 21, n. 1, p. 65-77, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/21789/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FRANCO, Maria. A. R. S. Prática docente universitária e a construção coletiva de conhecimentos: possibilidades de transformações no processo ensino-aprendizagem. **Cadernos de Pesquisa Universitária X**, USP, São Paulo, set. 2009. Disponível em: http://www.prgp.usp.br/attachments/article/640/Caderno_10_PAE.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T; CACETE, N. H. A Geografia como ciência e disciplina escolar. In:_____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 35-104.

SAIKI, K.; GODOI, F. B. A prática de ensino e o estágio supervisionado. In: PASSINI, E. Y. (Org.). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 26-31.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988. (versão digitalizada).

SATO, E. C. M.; FORNEL, S. R. Conhecimento do espaço escolar. In: PASSINI, E. Y. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 52-57.

SOARES, L. J. G. As políticas de EJA e as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Educação de jovens e adultos**: novos leitores, novas leituras. Campinas, SP: Ação Educativa, 2001. p. 201-224.

TICKS, Luciene K. (Re) Configuração Identitária de uma Professora de Língua Inglesa por meio da pesquisa colaborativa. **Linguagens & Cidadania**, v. 10, n.2, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/28272>. Acesso em: 17 jun. 2019.

VASCONCELLOS, Celso. dos S. Conteúdo e forma da avaliação. In:_____. **Avaliação da Aprendizagem**: práticas e mudanças - por uma práxis transformadora. 5. ed. São Paulo: Libertad, 2003. p. 91-132. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.6).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 2, 18, 23, 31, 32, 36, 39, 53, 54, 56, 109, 110, 113

Aspectos Linguísticos 44, 45, 46, 47, 50, 51, 55

Atendimento Educacional Especializado 37, 42, 45, 51, 54

C

Cartografia 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99

Categorias de Análises Geográficas 74, 75, 82, 86

Cibercultura 60, 61, 66, 70

Comunicação 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 21, 23, 40, 44, 55, 58, 60, 67, 70, 72, 113

Contemporaneidade 6, 11, 20, 65, 71, 89

Cotidiano 5, 9, 12, 38, 66, 74, 76, 77, 86, 87, 89, 95, 98, 102, 104, 108, 112

Culturas Surdas 1, 19, 51

Curta Metragem 53

E

Educação de Jovens e Adultos 71, 74, 75, 77, 88

Educação de Surdos 1, 2, 3, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 33, 45, 51, 55, 56, 59, 108, 109, 110

Educação Inclusiva 34, 35, 38, 39, 59, 108, 114

Educação Profissional e Tecnológica 35, 37, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 70, 71, 72, 89, 113

Ensino de Geografia 74, 76, 86, 87, 88, 99

Ensino Médio Integrado 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 72, 89, 93, 97, 98

Escrita de Sinais 21, 45, 48, 49, 50, 51

Espaço de Vivência 74, 86

Estágio Supervisionado 74, 75, 77, 78, 88

F

Filosofia 12, 16, 108, 109, 110, 112, 113

Fonética 51

Fonologia 21, 51

Formação 5, 6, 13, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 45, 47, 53, 54, 57, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 82, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 98, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 113

H

História Antiga 3, 4, 5

História dos Surdos 2, 3, 11

História Moderna 4, 7

I

Identidades Surdas 1, 11, 18, 51, 58

Inclusão 9, 18, 21, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 53, 54, 56, 58, 59, 61, 63, 66, 109, 110

Informação 20, 22, 23, 50, 60, 61, 62, 65, 67, 69, 70, 71

Intérprete 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 33, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 111, 113

Intervenção Pedagógica 53, 99, 101

L

Letramento 10, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 89, 90, 92, 94, 97, 98

Letramento Cartográfico 89, 90, 92, 94, 97, 98

Letramento Digital 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72

Letras Libras 30, 31, 113

Libras 6, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 109, 110, 111, 113, 114

Língua de Sinais 2, 6, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 27, 47, 48, 49, 51, 55, 57, 58, 59, 110, 112

Linguagem 4, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 51, 66, 89, 90, 93, 98, 99, 108, 109, 110, 112

M

Matemática 91, 95, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Medieval 7, 8

O

Ouvintes 1, 6, 10, 12, 23, 55, 56, 57, 58, 110

P

Políticas Públicas 32, 34, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 108, 112

Práticas Pedagógicas 16, 54, 60, 68, 71, 104, 112

R

Representações Cartográficas 89

Revisão Sistemática de Literatura 61, 62, 63, 66, 72

Roteiro e Vídeo 53, 54, 55, 56, 57

S

SignWriting 44, 46, 47, 48, 50, 51

Surdos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 45, 46, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 67, 69, 72, 108, 109, 110, 111, 112

T

Tecnologias Digitais 60, 61, 68, 70

Teletandem 68

Tradutor 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 28, 29, 33, 51, 56, 59, 111, 113

Tradutor Intérprete 56, 113

Twitteratura 65, 67, 72

V

Vídeo 46, 47, 53, 54, 55, 56, 57

Educação em Foco: Letramentos e Acessibilidade no Ensino

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 Atena
Editora

Ano 2020

Educação em Foco: Letramentos e Acessibilidade no Ensino

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 Atena
Editora

Ano 2020